



2008

Discursos do Presidente da Liga dos Combatentes

ÍNDICE

(Clicar com o rato na data para abrir o discurso pretendido)

[07.02.2008](#) – Inauguração do Museu do Combatente, no Forte do Bom Sucesso

[18.03.2008](#) – Lançamento do Livro “Memórias de Um Ferreiro”

[07.04.2008](#) – Reunião da Comissão Permanente de Assuntos Europeus (FMAC)

[12.04.2008](#) – Comemorações do 90.º Aniversário da Batalha de La Lys – França

[21.09.2008](#) – Dia Internacional da Paz

[16.10.2008](#) – 85.º Aniversário da Liga dos Combatentes e inauguração do Centro de Estudos, Apoio Médico, Psicológico e Social (CEAMPS)

[15.11.2008](#) – Bicentenário da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito, 90.º Aniversário do Armistício da Grande Guerra e 85.º Aniversário da Liga dos Combatentes

[18.11.2008](#) – Conferência “O Mediterrâneo, o Norte de África e a Ameaça Nuclear”

[12.12.2008](#) – Receção do P24, no Funchal

[23.12.2008](#) – Mensagem de Natal

INAUGURAÇÃO DO MUSEU DO COMBATENTE, NO FORTE DO BOM SUCESSO

7 de fevereiro de 2008

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmos. Senhores

General Chefe de Estado Maior General das Forças Armadas

General Chefe da Casa Militar de Sua Ex.^a o Presidente da República

Almirante e Generais representantes dos Chefes de Estado-maior da Armada, do Exército e da Força Aérea

General Presidente da Assembleia Geral da LC

General Presidente do Conselho Supremo a LC

Almirantes, Generais e Diretores-gerais

Presidente da Junta de Freguesia de Belém

Presidentes de Associações de Combatentes

Ilustres Convidados

Em nome dos milhares de membros da Liga dos Combatentes agradecemos profundamente a presença de Vossas Exas. Convosco, dando vida a esta fortaleza, reforçamos hoje a existência de mais um Núcleo Museológico do Museu da Liga dos Combatentes. Para além do Núcleo da Sede da Liga, do Museu das Oferendas, na Batalha e do Núcleo Museológico do Núcleo do Porto, contamos no Forte do Bom Sucesso, com mais um Núcleo Museológico do Museu da Liga dos Combatentes que passa a designar-se Museu do Combatente. Na linha orientadora dos nossos estatutos, aqui estamos criando condições para mais um espaço de promoção da nossa História, da nossa Cultura e da Cidadania, sempre ao serviço do país, dos combatentes e da população em geral. Mas também um espaço de convívio dos combatentes e da população onde, paralelamente, possamos, no futuro, obter alguns meios que contribuam para a sua conservação e manutenção e também para apoio aos combatentes mais carenciados. Estabelecemos há três anos, um Programa Estruturante de Cultura Cidadania e Defesa e no seu âmbito estabelecemos a absoluta necessidade de recuperação do abandonado e degradado Forte do Bom Sucesso e nele materializarmos a antiga intenção de instalar o Museu do Combatente.

Vimo-lo fazendo com o permanente e fundamental apoio do Ministério da Defesa Nacional e dos três Ramos das Forças Armadas. Não se trata de uma obra acabada. Nem no que diz respeito à recuperação das infraestruturas do Forte, cuja recuperação contínua, quer em relação à manutenção e conservação que é extremamente exigente, nem quanto à instalação dos conteúdos museológicos finais, face ao plano de ação que pretendemos levar a cabo.

Integrámos esta inauguração nas comemorações do 90.º aniversário da Batalha de La Lys, do fim da Grande Guerra e do 85.º aniversário da Liga dos Combatentes.

Considerámos importante e urgente reafirmar e confirmar este espaço como um espaço de Memória do Combatente por Portugal. O Forte do Bom Sucesso, abraçando no exterior o Monumento aos Combatentes do Ultramar, recebendo nos seus muros o nome dos cidadãos mais sacrificados desta guerra e materializando agora, no seu interior, o Museu do Combatente, constitui-se num espaço que é hoje e jamais poderá deixar de ser no futuro, um dos mais significativos ex-líbris e símbolos dos Combatentes

por Portugal. Da sua memória e do seu espírito. Um espaço que enriquecerá e dignificará esta área histórica de Lisboa. Espaço vivo no exterior e no interior do Forte que, com dignidade, honre os feitos e a memória dos soldados de Portugal e das suas Forças Armadas, perante os portugueses e os estrangeiros que nos visitem. Continuamos a necessitar de todos os apoios para que estes objetivos possam continuar a ser prosseguidos. Nomeadamente da comunicação social para divulgação deste espaço.

Sabemos o que queremos. Sabemos o que os combatentes querem e merecem e o que o sentimento geral nacional apoia. Não necessitamos de apoios que tentem desvirtuar os objetivos enunciados e que correspondem a anseios profundos dos combatentes.

Meus Senhores e Minhas Senhoras

Hoje marcamos este dia com duas novas e grandes exposições:

- Leonardo Da Vinci «O Inventor»;
- Fernão Mendes Pinto, segundo o Pintor João Velhê;

Do anterior mantêm-se:

- As mostras de equipamento dos três ramos das FA em área museológica ao ar livre;
- As travessias aéreas dos anos vinte e trinta - uma mostra do Museu do Ar;
- A Exposição Conservação das Memórias;
- A Exposição permanente do Combatente por Portugal no séc. XX.

É para aquelas duas belas exposições que vos convidamos a dedicar a atenção, após uma breve apresentação pelos seus promotores

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

LANÇAMENTO DO LIVRO "MEMÓRIAS DE UM FERREIRO", DE LOURENÇO DE ALMEIDA

18 de março de 2008

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmos. Senhores

Hoje traz-nos aqui um momento de cultura. Mas sobretudo um momento de partilha de memória. No ano em que se comemora o 90.º Aniversário da Batalha de La Lys temos a oportunidade ímpar de participar no apoio à divulgação do testemunho pessoal de alguém que nos é muito querido sentimentalmente. Lourenço Chaves de Almeida para além de ser um militar que viveu os problemas dos portugueses na Flandres e ser um artista do ferro de reconhecimento nacional, foi o executor da obra-prima que é o Lampadário que, com o Cristo das Trincheiras, compõem as peças únicas que ornamentam a sala do capítulo onde se encontra o túmulo do soldado desconhecido, na Batalha.

Mas se a sua obra está ali em permanência com a Liga dos Combatentes, a leitura do seu livro, para além de ser uma honra tê-lo tido como um dos nossos, testemunha a sua vivência com figuras com quem estamos todos os dias nesta casa.

O General Tamagnini, que é figura presente na nossa sala de refeições ou o General Gomes da Costa cuja gravura se encontra nesta sala, são figuras com quem Lourenço de Almeida conviveu de maneira especial na Flandres. Refere no seu livro, quando e como teve ocasião de ver os seus trabalhos elogiados por aqueles oficiais generais. Para além da sua missão, foi o verdadeiro mestre da Arte das Trincheiras.

Mas não só eles fizeram o elogio da sua obra que viria a ter um carácter nacional. Era assim que se expressava António Augusto Gonçalves, projetista do Lampadário da Batalha magistralmente executado por Lourenço Chaves de Almeida, no jornal Resistência de 17 de novembro de 1917. “Um casco de granada belamente lavrado por mãos portuguesas, no próprio campo de batalha sobre o troar da artilharia caldeado na cratera de um canhão quase temperado no sangue generoso das vítimas heroicas”

...”Depois na paz, no remanso de todas as fadigas como deve ser contemplado com orgulho e enternecimento esse pedaço de metal convertido em relicário sagrado onde se acha incrustada uma parcela das dores imensas dos sacrifícios infinitos que custa à humanidade a conquista de um mundo novo...” Por tudo isto, ao tomarmos conhecimento das intenções do senhor Afonso Chaves de Almeida neto de Lourenço Chaves de Almeida em publicar esta obra de seu avô, de imediato acedemos a garantir por parte da Liga dos Combatentes o apoio a tal ideia.

Integrando esta cerimónia nas comemorações do 90.º aniversário da Batalha de La Lys e do fim da Grande Guerra, homenageamos com o testemunho de um combatente, todos os que se bateram sob a bandeira portuguesa nesse conflito mundial.

Permitam-me que agradeça aos Afonso de Almeida o ter acedido a fazer o lançamento do livro em Lisboa, na Liga dos Combatentes. Os Nossos agradecimentos igualmente à Imprensa da Universidade de Coimbra, na pessoa da sua Vice-Presidente e muito especialmente ao Sr. Professor Dr. José Amado Mendes ter-se dignado fazer a apresentação do mesmo.

Hoje, mais uma vez na Liga dos Combatentes, honra-se a memória de um dos seus maiores. A memória de um combatente. A memória de um artista do ferro. A memória de um sargento, que tal como o nosso fundador João Jayme Faria Afonso honrou a classe a que pertencia, honrou o Exército e honrou Portugal. Por isso, mais uma vez, está connosco hoje aqui e connosco continuará.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

ABERTURA DA REUNIÃO DA COMISSÃO PERMANENTE DOS ASSUNTOS EUROPEUS DA FMAC

7 de abril de 2008

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Ministro da Defesa Nacional
Exmo. Senhor General Ramalho Eanes
Exmo. Senhor Presidente da FMAC
Exmo. Senhor Presidente da CPAE/FMAC
Exmo. Senhor General CEMGFA
Exmo. Senhor Presidente da Com. Parlamentar de Defesa
Exmo. Senhor General CEME
Exmo. Senhor General CEMFA
Exmo. Senhor Representante do CEMA
Ilustres Membros da CPAE
Ilustres Convidados
Minhas Senhoras e Meus Senhores

Em Lisboa hoje acontece História. Hoje, os que a História colocou por vezes, na Europa, frente a frente, encontram-se aqui, mais uma vez, lado a lado. Hoje e nos dias próximos, a partilha de memórias e a colocação em comum dos nossos problemas e da sociedade, deverá conduzir-nos à abertura de soluções que nos sejam úteis a nós combatentes, aos vindouros, à juventude e aos nossos governos. Falamos como responsável por uma instituição secular de voluntários que, em Portugal, ao longo de todo o século XX, se bateu pelo apoio aos Combatentes por Portugal. Somos a Liga dos Combatentes.

Nascemos para apoiar os doentes, mutilados, gaseados, cegos e abandonados pelo estado, após a I Grande Guerra Mundial e fizemo-lo também perante as consequências dos outros conflitos em que Portugal tomou ou toma parte. A nossa história permite, assim, hoje podermos afirmar que não somos a Liga dos Antigos Combatentes ou a Liga dos Ex Combatentes. Somos a Liga dos Combatentes do Passado, do Presente e do Futuro de Portugal. É que, para nós, ser Combatente é um estado de espírito.

É ter uma predisposição permanente para o desenvolvimento e preservação da paz, da liberdade, da igualdade e da justiça entre os homens e entre as nações. Somos uma instituição patriótica e humanitária e com este secular estatuto vos acolhemos. Por isso prosseguimos em permanência as recomendações da FMAC e tal como vós, diariamente procuramos aprofundar numa Liga Solidária, o apoio social aos combatentes vivos, batendo-nos pela resolução dos seus problemas e a garantia da sua dignidade como homens e cidadãos. Assim como honramos os mortos e com a ajuda do Governo, executamos um Plano de Conservação das Memórias e de dignificação dos cemitérios de guerra espalhados por Portugal e pelo mundo inteiro, onde se encontram inúmeros militares portugueses, como sinal de mútuo respeito, de memória futura e, porque não, como testemunhos vivos da futilidade da guerra.

No ano em que decorre o 90º aniversário da Batalha de La Lys, na Grande Guerra, de profundo significado para Portugal, bem como o 90.º aniversário do fim da Grande Guerra Mundial, de profundo significado para a Europa e para o mundo, é importante, uma vez mais, ao evocar este aniversário da história, sublinhar a Declaração Universal dos Direitos do Homem, bem como os Princípios Básicos e Objetivos das Nações Unidas.

Nomeadamente o respeito pelo ser humano nascido igual em dignidade e direitos, o respeito pelas soberanias, pela integridade territorial e inviolabilidade das fronteiras, a solução pacífica de conflitos, como base para a preservação da paz e da segurança, enfim o respeito pela Lei Internacional Humanitária durante e após os conflitos. Sem menosprezar, no atual contexto internacional, o indispensável aprofundamento da cooperação internacional entre os estados, organizações internacionais, incluindo as NU e a UE, no combate a todas as formas de terrorismo e no erradicar das causas económicas, políticas e sociais que lhe possam dar origem.

Temos connosco a experiência de guerra que nos permite poder afirmar que deve ser esse o caminho. O caminho da solidariedade e da cooperação entre as forças democráticas e progressistas do mundo. Defendemos que só a conjugação de uma estratégia do espírito e uma estratégia da razão conduzidas ao mais alto nível dos diferentes atores influentes da estratégia mundial e os mais influentes da estratégia espiritual das igrejas, poderá conduzir ao entendimento entre a moderação e o fundamentalismo.

Esta a mensagem que no ano do 90º aniversário do Armistício, gostaríamos marcasse este encontro de Lisboa da CPAE da FMAC, isto é: - A procura das grandes linhas e atores para a definição de uma estratégia da razão e uma estratégia do espírito que possam servir de base ao entendimento nas relações internacionais entre a moderação e o fundamentalismo. Ou seja, contribuirmos para o encontro de linhas de orientação e de ação que promovam a minimização do terrorismo internacional e da violência na sociedade.

Por isso, consideramos e defendemos que nós combatentes, acumuladores das experiências europeias mais dramáticas da vida, continuamos a ter lugar na sociedade moderna, como agentes promotores de reflexão e de ação, bem como elementos moderadores e catalisadores dos governos e das juventudes a quem, como conhecedores da guerra e do terrorismo, podemos testemunhar o valor incalculável da Paz. É na procura da visibilidade deste objetivo que a Liga dos Combatentes se empenhará na organização da Marcha do Combatente pela Paz, no próximo dia 21 de setembro, no prosseguimento da linha orientadora da ONU e da FMAC.

É esse o real sentimento do valor da nossa experiência como combatentes: sermos grandes promotores da Paz. Como contrapartida apenas solicitamos aos Governos e à sociedade que sejam os grandes promotores da resolução dos problemas dos seus combatentes. Não é porém, esse o entendimento generalizado dos responsáveis pela sociedade moderna, para com os seus antigos combatentes.

Desejo-vos excelente trabalho e estadia bem como o maior sucesso ao Senhor Brigadeiro Ian Townsend na condução dos trabalhos que a partir de hoje se vão realizar em Lisboa. Não quero terminar, no entanto, sem aproveitar a ocasião para transmitir ao senhor General Presidente Ibrahim Hamid da FMAC que seria com muito gosto que veríamos uma próxima reunião da FMAC ter lugar em Portugal, provavelmente nos Açores.

Ilustres Congressistas

Muito obrigado por terem vindo e com a vossa presença honrarem e dignificarem a nossa reunião. Mantemo-nos à vossa inteira disposição.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

COMEMORAÇÕES DO 90.º ANIV.º DA BATALHA DE LA LYS – FRANÇA

12 de abril de 2008

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Minhas Senhoras e meus Senhores

Permitam-me que inicie a minha alocução com as palavras do Marechal Joffre, em 11 de novembro de 1923, proferidas durante a inauguração do Monumento em Lacouture.

Disse:

Nous les admirons et nous les plurons comme nous enfant, jusqu'ils sont mort comme eux, à coté d'eux, avec eux!

(Fim de citação)

O Século XX foi marcado por uma permanente ocorrência de acontecimentos terríveis e de uma enorme atrocidade. A Grande Guerra foi o primeiro desses acontecimentos e é por causa dela que hoje aqui nos encontramos. Objetivos Nacionais, de natureza estratégica, no entendimento do Poder Político da época, levaram à entrada de Portugal nesse mesmo conflito. Inicialmente ponderando os compromissos para com os seus Aliados e depois considerando, poder defender na Europa a sua integridade territorial, poder afirmar o prestígio e influência diplomática no Continente Europeu, poder afirmar os valores de Estado que distinguiram Portugal da Espanha e assegurassem a Independência Nacional e, por último, garantir a afirmação do poder político do Governo em funções, tais foram as razões que conduziram Portugal a participar diretamente no Teatro de Operações Europeu.

Tomada a decisão, Portugal organizou e preparou, durante nove meses, o seu Corpo Expedicionário, que enviou para a Frente Ocidental e cujo movimento, para a posição, só foi possível com o apoio dos Aliados. A organização fixada para as Forças Portuguesas implicou a existência de um Quartel-General do Corpo de Exército e de mais dois Quartéis-Generais de Divisão. Neste edifício ficou instalado o Quartel-General do Corpo Expedicionário Português. Aqui, longe da Pátria e depois de mais de um ano em condições de vida duríssimas viveram-se horas dramáticas e tomaram-se decisões cuja execução estava para além dos limites da capacidade técnica e humana dos Combatentes.

Exatamente no dia marcado para a sua substituição na Linha da Frente, e tomada de posições mais à retaguarda, para permitir a sua recuperação física e psicológica, os Soldados de Portugal sentiram abater-se sobre o seu sector uma intensa barragem da artilharia inimiga (com mais de quatro horas de duração) e enfrentaram, de forma altamente desproporcionada, o avanço das Forças Alemãs. Entre a madrugada de 9 de abril e o meio-dia do dia 10 de abril, a “Operação Georgette” e o “inferno de La Lys”, infligiram às Forças Portuguesas cerca de 7000 perdas. Apesar da Batalha de La Lys ter sido, em termos táticos imediatos, uma derrota para o Corpo Expedicionário Português, a mesma acabou por dar origem a uma “vitória estratégica” para as Forças Aliadas.

Eles foram “Heróis em França, por Portugal e pela Paz Universal”!

No ano em que decorre mais um aniversário da Batalha de La Lys, de profundo significado para Portugal e, igualmente se celebra mais um aniversário do fim da Primeira Grande Guerra Mundial,

é muito importante invocar a Declaração Universal dos Direitos do Homem bem como os Princípios Básicos e Objetivos das Nações Unidas, como bases para a preservação da Paz e da Segurança. No passado dia 12 de março, faleceu com 110 anos de idade, Lazare Ponticeli, o último Combatente de França na I Grande Guerra. Com ele partiu a “memória” da última testemunha ocular de um dos mais terríveis acontecimentos vividos pela humanidade.

Apesar dos documentos escritos constituírem as fontes preferidas dos historiadores, os “bens culturais” vêm ocupando um espaço cada vez mais importante como fonte histórica. É neste entendimento e para consolidação da “memória partilhada” entre os povos que hoje vamos deixar, em Território Francês e nesta casa, uma referência de rigor de um facto histórico, qual contributo para um conhecimento comum de todos aqueles que, empenhados neste flagelo, dele precisam saber e transmitir aos vindouros, com exatidão, o conhecimento útil à prevenção de novos desentendimentos entre as Nações.

Aqui e agora, estamos a concretizar uma ação que contribuirá para que, do conflito de 1914/1918, a memória dos Povos e os Compêndios de História revelem apenas uma mesma realidade dos factos e propiciem uma maior aproximação entre as Nações. Só assim, no exercício permanente da “Memória Partilhada”, será possível aprender com o passado comum e, desse modo, promover o Progresso e a Paz da Humanidade!

O General Tamagnini e os nossos Combatentes estão hoje aqui connosco!

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

DIA INTERNACIONAL DA PAZ

21 de setembro de 2008

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Caros Combatentes

Minhas senhoras e meus senhores

Hoje é Dia Internacional da Paz. Assim foi estabelecido pela ONU. É uma decisão política importante.

Outro ator mundial, a Igreja Católica, estabeleceu o que chamou de Dia Mundial da Paz. Para muitos dos seres, sobre a Terra, ela só tem acontecido nos intervalos da guerra.

A Paz, de facto, não é fruto de decretos. A Paz é fruto de atitudes. Só faz sentido falar de Paz porque reconhecemos a inevitabilidade da guerra. Mas não queremos estar aqui hoje, em mais um encontro da utopia ou em mais uma marcha pela utopia da Paz. Queremos que este encontro e todos os que hoje se realizam pelo mundo fora, com a participação dos antigos combatentes, nos mais diversos conflitos, tenha uma finalidade concreta a médio ou longo prazo.

Nós, combatentes, conhecemos num longo período das nossas vidas, a realidade da vida, em estado de guerra. Conhecemos algo que nenhum de nós ambicionou conhecer.

Nós que tivemos o triste fado de ter que fazer a guerra, somos o veículo ideal para dizer aos que a não fizeram e aos políticos que a determinam, que ela é normalmente um absurdo, uma catástrofe e sempre destruição de vidas e bens.

Só a luta pela sobrevivência ou a defesa dos mais altos valores de uma sociedade em perigo, pode justificar o uso da força. Por isso, quando hoje aqui nos reunimos evocando a Paz para o mundo, sabemos, conhecemos a verdadeira realidade humana. Fomos parte, da parte difícil da verdadeira história do homem na Terra.

Uma história de guerra e paz. Uma história de paz e guerra. Uma História de conflitos e tranquilidades. Mas sabemos que no mundo inteiro, qualquer cidadão, qualquer homem, mulher ou criança ambiciona Paz, Segurança, Justiça, Liberdade e Bem-Estar. Mas muitas vezes sem que tenha força para o impedir, ou mesmo sem sequer para tal ser ouvido, dão-lhe guerra.

É importante então, para que não nos sintamos aqui num encontro utópico, que definamos a nossa verdadeira finalidade, o nosso verdadeiro objetivo, como cidadãos de Portugal e do Mundo em que vivemos.

Aqui apelamos, hoje, por um objetivo atingível e viável quer pelos senhores do mundo, quer pelos que se sentem com forças para dominarem os seus vizinhos ou mesmo aqueles que lutam pela sua própria sobrevivência, como povos:

- Que todos os atores internacionais, fundamentalmente aqueles que dominam a cena internacional, atuem por forma a que os períodos de Paz sejam exponencialmente superiores aos períodos de guerra e que façam tender estes, para zero.

Mas mesmo nesses períodos, em que se reconheça ser a guerra inevitável, é fundamental que os princípios do direito internacional e os valores universais tenham peso superior aos interesses por parte de quem toma a decisão de fazer a guerra.

As Nações Unidas têm feito grandes esforços, mas têm-se mostrado incapazes de impedir a guerra. Talvez por isso Kofi Annan quando apelou para que se evocasse no mundo inteiro, um dia internacional da Paz, a 21 de setembro, reconhecia a incapacidade da ONU e procurava na sensibilização dos cidadãos do mundo inteiro a força para que fosse possível, mais Paz.

A iniciativa da FMAC para que em todos os países pertencentes esta organização de antigos combatentes se fizesse uma marcha pela Paz de acordo com a orientação da ONU no dia 21 de setembro, teve a adesão da Liga dos Combatentes e da ADFA, pertencentes àquela Federação há longos anos que convidaram as associações de combatentes aqui hoje presentes.

Quando falamos de Paz somos normalmente levados a pensar em conflitos de origem externa e em que estivemos, estamos ou podemos estar envolvidos.

Uma palavra de estímulo para aqueles militares que hoje, face a decisões políticas tomadas, se encontram em teatros de guerra. Para eles o nosso carinho e desejos de sorte e eficiência nas missões que lhe forem atribuídas e que elas sejam o mais curtas possíveis por aí se ter encontrado a Paz.

Mas as situações de Paz na ordem externa recebem um grande contributo de Paz na ordem interna das diferentes sociedades. Paz na Política, Paz na Sociedade e nas suas diferentes componentes, Paz na Família, Paz no interior de cada cidadão. Paz na rua.

E se também aqui, fruto do domínio das regras de vida em sociedade, se conseguir com eficiência, eficácia, equidade encontrar a forma mágica de atingir em elevado grau os objetivos atrás referidos, de Segurança, Justiça,

Bem-estar e Liberdade, então os períodos prolongados de Paz interna e o equilíbrio de uma Paz externa serão uma realidade possível.

A Paz na sociedade vive muito da tranquilidade conseguida nas suas diferentes componentes. Julgamos estar já demonstrado que nós combatentes, somos uma das partes significativas dessa sociedade.

Mais. Uma parte dessa sociedade que quando foi entendido pegar em armas para defender a outra parte não hesitou em fazê-lo e assume que o fez com honra no cumprimento de um dever.

Tal como ser militar não significa ser militarista, defender a Paz não significa ser pacifista. Significa ser realista. Significa ser consciente e informado dos valores pelos quais vale a pena lutar.

Por isso, é hoje muito importante que nos sintamos em Paz. Em Paz com a nossa própria consciência. Se assim for, podemos exigir que sejamos olhados pelos decisores políticos, não como os que fizeram uma guerra do outro regime, mas como combatentes que fizeram essa guerra e fariam as guerras do atual regime, como o mesmo sentido patriótico e o mesmo empenhamento.

Muito importante se torna pois que algumas justas reivindicações de combatentes idosos, deficientes ou carenciados sejam atendidas, para que assim possam atingir a sua Paz de espírito individual e possam contribuir para a Paz de espírito coletiva.

Não faz sentido apelarmos para um Dia Internacional da Paz se internamente não dermos o exemplo de sucessivos dias de Paz interna.

Conjugação de esforços, trabalho, tolerância, coesão na prossecução de objetivos verdadeiramente nacionais, são contributos positivos para essa Paz interna e indiretamente para a Paz Internacional.

Termino exortando a que:

- Ajudemos a preparar comunidades e sociedades para viverem em Paz;
- Construamos o diálogo e a confiança entre antigos beligerantes;
- Tenhamos em consideração e legislemos para a resolução dos problemas com que se debatem diferentes gerações de combatentes, bem como de mulheres e crianças afetadas pela guerra;
- Atuemos com o nosso contributo de combatentes para a Paz e Segurança Internacional.

Enfim, que a voz levantada hoje pela Federação Mundial dos Antigos Combatentes a favor da Paz, pelos mais de 27 milhões de antigos combatentes que a compõem, em 90 países de cinco continentes, seja suficientemente alta e poderosa para ser ouvida.

*Nós que sofremos a guerra
Que no corpo e alma marca nos deixou
Nós que fizemos a guerra
Mas a quem a lei da morte não levou
Aqui afirmamos, seja a Paz único lema
Que morrer por ele, valha a pena!*

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

85.º ANIVERSÁRIO DA LIGA DOS COMBATENTES E APRESENTAÇÃO DO CENTRO DE ESTUDOS DE APOIO MÉDICO, PSICOLÓGICO E SOCIAL (CEAMPS)

16 de outubro de 2008

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor

Secretário de Estado da Defesa Nacional e dos Assuntos do Mar

Há momentos em que, não obstante ser dia de festa de família, nos sentimos sós. Basta para isso, que não tenhamos connosco, nesses dias significativos, elementos da família que muito consideramos.

Por isso, é com enorme satisfação que em nome da Liga dos Combatentes agradecemos, não só ao responsável político que nos tutela, mas ao ilustre sócio da nossa Instituição, a sua presença no dia de hoje.

Perfazem se hoje 85 anos sobre a data de assinatura da ata N.º 1 da Liga dos Combatentes, num escritório da Rua Conde Barão em Lisboa.

Honra aos seus fundadores.

Festejaremos publicamente esse facto no dia 15 de novembro, em conjunto com o 90º aniversário do Armistício e do Bicentenário da Torre Espada.

Hoje, reunimo-nos, em família, para assinalar esse dia 16 de outubro de 1923.

Exmo. Senhores

Exmo. Senhor Reitor da Universidade Lusófona

Exmo. Senhor Reitor da Universidade Autónoma de Lisboa

Exma. senhora D. Maria de Jesus Barroso

Exmo. Senhor Director-geral de Pessoal e Recrutamento Militar do MDN

Exmo. Senhor General Presidente do Conselho Supremo e Ilustres Membros do Conselho Supremo

Exmo. Senhor General Director do IASFA

Exmo. Senhor Presidente da Comunidade Vida e Paz

Exmo. Senhor Presidente do centro Social do Exército de Salvação

Exmo. Senhor Presidente da ADFA e Associação Nacional dos Prisioneiros de Guerra e da ACUP

Exmos. Senhores Membros da Direção Central e do Conselho Fiscal, Presidentes dos Núcleos do Porto, Coimbra, Lisboa e Loulé

Ilustres Colaboradores e Ilustres Convidados

Minhas Senhoras e meus Senhores

Os nossos sinceros agradecimentos por estarem hoje connosco. A Liga dos Combatentes tem tido ao longo da sua história dois grandes campos de atuação.

A promoção dos Valores e a Solidariedade. Hoje debruçar-nos-emos sobre alguns ângulos da Solidariedade.

É momento de, com a experiência do passado e as necessidades do presente, procurarmos dar passos na melhoria da nossa prestação futura, no apoio aos combatentes mais carenciados.

A nossa tradição na procura e apoio da pobreza tem-nos permitido até hoje, privilegiar o aspeto social e apoiar ao longo de anos, milhares de combatentes ou famílias carenciadas.

Permitam-me, pois, que hoje lancemos algumas linhas de ação que aprofundem o apoio que até agora vínhamos desenvolvendo, no âmbito pluridisciplinar da Saúde e da Inclusão Social.

É algo que consideramos muito importante para a nossa Instituição: O desenvolvimento de um Plano Estruturante no âmbito do Apoio Médico, Psicológico e da Inclusão Social.

O que ontem nos aparecia como um objetivo claro e imprescindível, mas por diversas razões longínquo, desenha-se nos hoje como viável a curto e médio prazo.

A sua concretização no triénio 2009/2012 significará a revitalização e rejuvenescimento da Liga dos Combatentes na forma como apoia, nas diversas vertentes, os seus membros mais carenciados.

Permitam-me que assinale os fundamentos e os passos que nos trouxeram e nos incentivaram a vir até aqui.

Começo por recordar a alínea e) do art. 2.º do nosso Estatuto que nos estabelece como um dos objetivos: “Criar manter e desenvolver departamentos, ou estabelecimentos de ensino, cultura, trabalho e solidariedade social em benefício geral do país e direto dos seus associados”

No sentido de viabilizar este objetivo lançámos três Centros de Estudos, entre eles o Centro de Estudos e Acompanhamento Médico Psicológico e Social.

Da sua Organização constam um Presidente, o Presidente da DC/LC, um Secretário, o Vogal Secretário da DC, para além de Membros, Permanentes, Convidados e Eventuais. Nele tem colaborado ativamente a Dr.ª Luísa Sales aqui presente e para esse centro foram convidados e mostraram-se então disponíveis, o Dr. Rui de Sousa e a Dr.ª Marlene Pais.

Hoje contamos com a inestimável colaboração do Dr. Adriano Fernandes também hoje conosco, bem como do Dr. Alberto Guerreiro, Dr. Manuel Parreira, Dr.ª Ana Marques, Dr.ª Martina Lopes, Dr. António Correia e Dra. Filipa Santos

Estabelecemos em Regulamento os objetivos desse Centro que terá funções de Conselho e executivas:

- Realizar estudos e projetos de investigação na área da medicina, psicologia e assistência social;
- Pareceres sobre a legislação existente;
- Recolha de dados;
- Promoção de seminários colóquios e conferências;
- Cooperação com outras instituições;
- Dirigir e coordenar o apoio médico, psicológico e social.

A assinatura, em 21NOV2007, de um protocolo com o MDN, no âmbito do PTSD, que a Liga vinha há anos desejando materializar, foi finalmente viabilizado pelo Sr. SEDNAM.

Igualmente, no sentido de alargar a nossa capacidade de intervenção noutros campos de apoio aos combatentes mais necessitados, foi assinado recentemente um Protocolo com a Comunidade Vida e Paz, com a ANPG e com a ACUP no âmbito dos combatentes sem abrigo e vamos hoje assinar um Protocolo com o Centro Social do Exército de Salvação

Desejamos igualmente sistematizar e regular as actuais relações com o IASFA, desejo que já expressámos ao SR General Presidente General Fialho da Rosa que nos dá também a honra da sua presença.

Os compromissos resultantes dos protocolos referidos acarretam responsabilidades formais que queremos assumir.

Com a integração nos quadros em serviço na Liga dos Combatentes do Sr. Major António Correia, Psicólogo Clínico, aqui presente, jovem, entusiasta e conhecedor, foi possível iniciar o desenvolvimento de um Projecto.

Posteriormente foi seleccionada entre 70 concorrentes e admitida a Assistente Social, Técnica Superior Dr.ª Filipa Santos

Temos objectivos, temos um conceito, estabelecemos uma estrutura, começámos a sentir a adesão de especialistas competentes no âmbito da saúde e da inclusão social e de jovens especialistas motivados, temos um projecto multidisciplinar, temos um plano de acção, aguardamos a assinatura de um protocolo com o MDN que viabilize o Programa Estruturante 2009/2012 no âmbito do PTSD/Cuidados de Saúde.

O nosso Projecto, que queremos integrado e inovador, tem duas grandes linhas de acção:

- A Formação de quadros e a Investigação;
- A Acção coordenada no terreno, tendo como universo combatentes que estiveram na guerra do ultramar e operações de paz e suas famílias.

A primeira linha de acção desenvolvê-la-emos em colaboração com as Universidades.

Teremos hoje a honra de assinar protocolos com o Grupo Lusófona e a Faculdade de Psicologia da Universidade Lusófona, bem como com o Departamento de Psicologia e Sociologia da Universidade Autónoma de Lisboa.

Permitam-me que releve a importância que terá esta linha de acção na criação de conhecimento adequado às nossas realidades e agradeça os Exmos. Senhores Reitores e ao seu staff estarem com a Liga dos Combatentes, neste processo.

A acção coordenada no terreno exige organização e definição dos meios humanos, materiais e financeiros que lhe garantam vida útil, eficiente e eficaz nas vertentes clínica e de inclusão social

A decisão política entendeu após uma experiência pouco positiva de alguns anos, que os serviços a garantir pelo SNS e pela RNA no que toca ao PTSD poderiam ser reforçadas pela acção das ONG.

A Liga dos Combatentes tem uma organização que lhe permite estabelecer uma rede funcional de serviços de apoio médico, psicológico e social para dar respostas concretas aos combatentes e suas famílias, ajudando a materializar o objectivo da RNA de prestar informação, identificação e encaminhamento dos casos e a necessária prestação de serviços de apoio em articulação com o SNS.

A Direcção Central, os 71 Núcleos espalhados pelo país e o Lar dos Filhos dos Combatentes no Porto é a estrutura base onde se irá inserir a estrutura de apoio médico, psicológico e social que a seguir definiremos.

Para além da Estrutura de Coordenação Central (CEAMPS) como Órgão de Aconselhamento do Presidente e Direcção Central, e também executivo dinamizará quatro Estruturas Regionais de Resposta (Centros de Apoio Médico, Psicológico e Social). Um no Norte-Porto, um no Centro, em Coimbra, um na região de Lisboa e Vale do Tejo, em Lisboa e um no Sul e Algarve, em Loulé todos em estreita ligação com instituições apoiantes e com os Hospitais Militares e com os respectivos Núcleos da Liga dos Combatentes.

Estas Estruturas estão a ser dotadas com meios humanos, nomeadamente médico, psicólogo, assistente social ou técnico de reabilitação que permitam identificar apoiar e acompanhar ou encaminhar para o SNS ou para a RNA os combatentes ou suas famílias principalmente os que se encontrem em sofrimento na sequência de stress pós traumático ou sintomatologia associada.

Todos os restantes Núcleos serão como até aqui verdadeiros Centros de Apoio Social, agora especificamente Pontos de Triagem e de Encaminhamento para as estruturas regionais atrás referidas, no âmbito do PTSD.

O funcionamento desta estrutura clínica e social da LC e do seu apoio à RNA, está no que se refere à LC dependente do empenhamento dos seus Núcleos na divulgação, identificação e encaminhamento de casos para a sua inserção na Rede, bem como dos meios financeiros disponíveis. O nosso princípio do voluntariado prevalece.

A Liga dos Combatentes é uma Instituição activa na procura e na solução de problemas da pobreza e da exclusão social. Será uma organização passiva na procura mas muito receptiva e profundamente activa na triagem, encaminhamento, elucidação, e acompanhamento de casos de PTSD que lhe surjam.

Isto é, a estrutura de apoio médico, psicológico e social da Liga dos Combatentes não será uma estrutura para contribuir para alimentar uma situação que justifique a sua existência, mas sim para estudar, delimitar e apoiar a verdadeira dimensão do problema.

O CEAMPS funciona com base no trabalho individual, ou colectivo, dos seus membros. A cooperação do CEAMPS como um todo e de cada um dos seus membros em particular, com a LC, é imprescindível e o seu produto deverá ser acolhido como Parecer e Conselho Superior da Direcção Central e do seu Presidente.

Desenvolve a sua acção através do Centro de Estudos, dos Centros de Apoio Médico, Psicológico e Social (CAMPS) e do Centro de Apoio à Inclusão Social (CAIS):

O CAMPS, como já referimos, tem 4 estruturas de Apoio Médico, Psicológico e Social (Sul e Algarve, Lisboa, Coimbra e Porto) abrangendo todas as zonas do país. Cada estrutura é constituída por uma equipa multidisciplinar.

No Sul e Algarve – Loulé: Já tem um posto médico a funcionar com consultas de Psicologia e Apoio Social. Desde o dia 01Out08, que o projecto foi lançado e dinamizado. A equipa já está completa com as valências médicas de Psiquiatria, Psicologia e Serviço Social.

Em Lisboa e Vale do Tejo - Já temos consulta de Psicologia Clínica desde há 3 meses (assegurado pelo Dr. António Correia e a Dr.ª Martina Lopes). Desde o início deste mês que temos atendimento e Apoio Social (Dr.ª Filipa Santos) e vamos contar também no final deste mês com o Dr. Carlos Anunciação, e do médico cirurgião Dr. Fernando David.

Este mês também iniciamos o Serviço de Apoio Domiciliário aos nossos associados.

O Apoio em Psiquiatria vai ser assegurado em breve, contando até lá com o Concelho da Dra. Luísa Sales, de quem esperamos também, o apoio para o levantamento do Centro em Coimbra.

Em Coimbra e no Porto pretendemos que no início do próximo ano também estejam a funcionar, contando para isso com o apoio do Dr. Adriano Fernandes, completando-se uma Rede Nacional de Apoio Médico, Psicológico e Social para a família combatente.

Apesar da implementação total do projecto/programa ter uma previsão de até 2012, é nosso objectivo primordial que estas estruturas de Apoio Médico, Psicológico e Social estejam a funcionar em pleno até finais de 2009.

O modelo do projecto assenta em princípios apontados pelo Plano Nacional de Saúde Mental 2007-20016, ou seja a criação de equipas que actuam no terreno.

A LC constitui uma rede - 71 núcleos da LC espalhados pelo país, que funcionam como locais/postos de triagem e encaminhamento para as 4 estruturas regionais, privilegiando desta forma os serviços de respostas de proximidade – intervenção comunitária.

Centro de Apoio à Inclusão Social (CAIS).

A LC há quase um século se preocupa com os combatentes excluídos e mais carenciados, actualmente conta com o apoio de outras parcerias com quem estabelecemos memorandos de entendimento, tendo como objectivo o desenvolvimento de trabalho comum no âmbito do apoio aos Combatentes sem-abrigo, toxicodependentes ou alcoólicos. Está em marcha o Plano de Inclusão Social da LC, nestes nichos da exclusão.

Começamos recentemente a dinamizar o voluntariado em Lisboa. Temos já um grupo de 10 voluntários (psicólogos, assistentes sociais, sócios da LC) alguns deles já eram voluntários noutras Instituições. O objectivo é chegar aos antigos combatentes que estão na rua. Estamos a criar caminhos para uma verdadeira inclusão social.

Em Lisboa com as parcerias efectuadas, permitiu-nos começar a trabalhar em todas as fases do projecto (equipas de rua e sinalização – Acolhimento Temporário – Projecto de vida e Encaminhamento para o Programa de Recuperação Terapêutica – inserção na comunidade). Estamos já a trabalhar com alguns dos nossos antigos combatentes sem-abrigo e outros já se

encontram sinalizados. Também já existem antigos combatentes com problemas de toxicodependência e alcoolismo sinalizados.

Na região do Algarve, a partir do Núcleo de Loulé existem também equipas a trabalhar na rua. Pretendemos em breve estender à Zona Centro e Norte do País.

Estamos a acompanhar cerca 140 famílias de combatentes (onde uma grande percentagem é feita de forma voluntária) em situação de pobreza extrema e com manifesto risco de exclusão social.

Este ano já cumprimos muitas das medidas preconizadas no Protocolo com o MDN no âmbito da Rede Nacional de Apoio (RNA) aos militares e ex-militares portugueses portadores de perturbação psicológica crónica resultante da exposição a factores traumáticos de stress durante a vida militar, nomeadamente:

- A promoção e criação de folhetos informativos sobre o PTSD a vários níveis.

Já sinalizamos 60 antigos combatentes; metade estão a ser acompanhados pela LC, sendo que os restantes foram encaminhados para os serviços competentes do Serviço Nacional de Saúde. Prestamos serviços de apoio psicológico e social aos militares e ex-militares que já iniciaram o processo, mas que ainda não foram formalmente inseridos na RNA.

Também, até ao final do ano, e em conjunto com os Ramos (Exército, Marinha e Força Aérea) pretendemos começar a trabalhar com os militares que participaram e participam em Operações de Apoio à Paz (cerca de 30 mil), não só a nível do Stress pós-traumático, mas sobretudo na dimensão psicossocial – uma das vertentes do modelo padrão das Nações Unidas para as Operações de Paz e reconstrução pós-conflito.

Vamos apostar na formação e especialização dos técnicos que colaboram com a LC, e que pensamos ser possível com as parcerias que vamos hoje estabelecer com duas Universidades

Esperamos que até 2012, fase final de implementação total do projecto, com a ajuda dos nossos colaboradores, e com as duas Instituições que vamos, a partir de agora, trabalhar, possamos ter o nosso grupo de técnicos especializados, não apenas na área do stress pós-traumático como também em outras áreas científicas que possam ser uma mais-valia para dar as respostas de Saúde mais adequadas à família dos combatentes.

Com o Centro de Estudos, como em qualquer projecto, temos que diagnosticar para intervir.

Por isso lançamos o 1º estudo para a recolha de dados sócio-demográficos para sabermos qual é o nosso alvo, o tipo de população que pretendemos apoiar. Paralelamente também estamos a recolher dados de um questionário que enviamos, através da Revista Combatente, para estimar a taxa de ocorrência ou identificar sintomatologia relacionada com a PTSD na nossa população (antigos combatentes e sócios da LC).

Como é próprio deste tipo de estudos, esta taxa de ocorrência apenas indica a probabilidade da existência de PTSD, dado que o seu diagnóstico definitivo só poderia ser estabelecido através de entrevistas clínicas ou instrumentos de avaliação padronizados.

Através do nosso Centro de Estudos, esperamos a partir de hoje, e com a assinatura dos protocolos com estas duas Instituições de referência no Ensino Superior, trabalharmos em conjunto, traçando linhas de investigação e concretizar estudos de relevância sobre a problemática do stress pós-traumático nas suas diferentes dimensões.

Temos a convicção que estamos a iniciar um longo caminho, o projecto é “arrojado”, mas é também um desafio (e os combatentes estão habituados a aceitar desafios).

Estamos convictos que com a vossa ajuda, e trabalhando em conjunto, a LC vai continuar a honrar o seu passado, trabalhando no presente, com uma visão de futuro.

A apresentação do esforço que estamos fazendo nesta área, julgamos ser uma boa forma de assinalar o nosso 85.º aniversário.

O Programa Estruturante que vimos desenvolvendo e acabamos de apresentar assume assim a dimensão que lhe permite juntar-se aos quatro Programas Estruturantes em causa:

- Liga Solidária;
- Conservação das Memórias;
- Cultura, Cidadania e Defesa;
- Inovação e Modernização.

Aos nossos fundadores voltamos a garantir hoje, a continuação dos seus sonhos:

- O Apoio aos combatentes mais carenciados.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

90.º ANIVERSÁRIO DO ARMISTÍCIO, 85.º ANIVERSÁRIO DA LIGA DOS COMBATENTES E BICENTENÁRIO DA ORDEM E TORRE ESPADA

15 de novembro de 2008

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Ministro da Defesa Nacional

A presidência desta cerimónia por V.^a Ex.^o é simultaneamente uma honra, um testemunho de atenção e uma recompensa que sentimos e devem sentir todos os combatentes. Um cidadão ou combatente, minimamente atento, terá verificado que, no corrente ano. Tivemos connosco, em abril, presidindo às cerimónias em La Lys, La Couture e St. Vignant o Sr. Ministro das Defesa Nacional. Em 13 de Maio data da criação da Torre Espada Sua Ex.^a o Presidente da Republica esteve na Liga dos Combatentes. Hoje digna-se V.^a Exa. Sr. Ministro da Defesa Nacional presidir a esta significativa cerimónia. Os combatentes são exigentes, mas são reconhecidos. Hoje é dia de profundo reconhecimento.

Muito obrigado Sr. Ministro da Defesa Nacional por nos acompanhar neste dia e neste lugar onde Torre Espada, Armistício e Ultramar iluminam e robustecem o nosso mundo dos factos: - a História de Portugal.

Minhas senhoras e meus senhores

A vossa presença traz-nos o carinho e o calor humano que aquecem as pedras frias que nos rodeiam e robustecem a memória coletiva que faz do dia de hoje, simultaneamente um dia de evocação histórica e um dia de festa.

Ex.^a Reverendíssima Senhor Bispo D. Ximenes Belo

Permita-me que agradeça a imediata disponibilidade demonstrada para estar connosco neste dia e nos dar a honra de proferir o impressionante testemunho que nos trouxe. A sua condição de Prémio Nobel da Paz e a condição de combatente, entre os quais permita que o inclua, conjugam aquilo que de mais nobre se encontra na condição humana e que quisemos sublinhar com o convite que lhe endereçámos:

- A procura permanente da Paz através da luta permanente pela Justiça, pela Verdade e pelo Bem-Estar dos mais fracos.

Bem-haja.

Minhas senhoras e meus senhores

No dia de hoje, com a maior dignidade, comemoramos e evocamos três efemérides:

- O 90.º Aniversário do Armistício da I Grande Guerra;
- O 85.º Aniversário da fundação da Liga dos Combatentes;
- O Bicenténário da Fundação da Ordem Militar da Torre Espada Valor Lealdade e Mérito.

Desse fenómeno complexo, triste e desumano que é a guerra evocamos a Paz, evocamos os distintíssimos serviços prestados à Pátria e à Humanidade quer individual quer coletivamente.

Enaltecemos todas as Instituições a quem a sociedade civil reconheceu no seu comportamento, o mais elevado Valor, Lealdade e Mérito em qualquer conflito ou crise humanitária que envolveu Portugal, ao longo dos últimos duzentos anos. Sublinhamos, mais uma vez, o dia 11 de novembro como um dia de Paz entre as Nações da Europa, evento a manter no nosso espírito a todo o custo e com a dignidade de hoje. Festejamos igualmente o dia em que a sociedade civil se organizou para criar a Liga dos Combatentes e fazer face aos problemas dos cidadãos combatentes. Comemoramos assim, a atitude solidária e associativa de um conjunto de combatentes em apoio dos mais sacrificados dessas guerras e conflitos. Finalmente evocamos a Mulher Portuguesa na Guerra nas Forças Armadas, bem como todos os que hoje servem Portugal nos quatro cantos do mundo. Fazemo-lo neste lugar especial onde em sentido restrito se homenageia o Soldado caído nas recentes guerras do Ultramar e em sentido lato se homenageia o esforço Soldado de Portugal

Por isso solicitámos, numa iniciativa inédita, que se juntassem a nós neste dia especial para a Liga dos Combatentes, para além dos nossos Membros Honorários de carácter individual, todas as Unidades Militares, Autarquias, Organizações de Bombeiros e da Cruz Vermelha, nossos membros Honorários Coletivos, condecorados com a Torre Espada Valor Lealdade e Mérito.

Obtivemos, para isso, o patrocínio de Sua Ex.^ª o Presidente da Republica e o apoio da sua Casa Civil e Militar e do Chanceler das Antigas Ordens Militares bem como o acordo das Chefias Militares e Presidentes das Câmaras e Instituições condecoradas.

Igualmente temos a honra de ter hoje connosco ilustres representantes de países europeus e de diversas associações estrangeiras e nacionais que todos os anos se juntam a nós. No corrente ano no dia especial do 90º Aniversário desse significativo momento da História da Europa.

Também connosco neste nosso dia de aniversário estão mais uma vez os combatentes da guerra do ultramar e suas famílias, individualmente, ou através das associações que os representam. Com eles estão também Dirigentes de associações de dois países que em momentos diferentes da nossa história estiveram connosco frente a frente e estão hoje lado a lado: - Marrocos e Moçambique. É mais um encontro de partilha de memória histórica entre associações de países amigos, que vão selar com a assinatura de protocolos as intenções profundas de cooperação mútua.

Congratula-nos a resposta de adesão obtida e felicitamos aqueles que encontraram as razões profundas que levaram ao seu chamamento, para numa cerimónia cívica e também de carácter militar, sublinharmos momentos altos, importantes, difíceis, mas honrosos, da nossa vida coletiva. Aqui, ao mesmo tempo que felicitamos a Paz e os que se bateram e batem por causas humanitárias, vangloriamos os que nos momentos mais difíceis da guerra ou da crise, encontraram forças para se ultrapassarem e por isso ostentam a maior e mais prestigiada condecoração do país.

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Num momento difícil da conjuntura internacional e nacional, em que a resolução de problemas materiais, do dia-a-dia, são a prioridade das prioridades, podem parecer menos oportunas e secundárias ações e cerimónias, no âmbito dos Valores, como aquela que aqui hoje levamos a efeito.

Não é essa a nossa convicção. Pelo contrário. Em momentos difíceis, são esses valores, simultaneamente zona de refúgio e zona de reunião de esforços para o lançamento de novas, redentoras e arrojadas ações.

Por isso a Liga dos Combatentes, de entre os seus dois grandes campos de atuação, a exaltação dos valores e a solidariedade, dá hoje relevo especial, mais uma vez, ao campo dos valores, sem esquecer com a assinatura de mais dois protocolos o campo da solidariedade.

Estamos aqui, pois, no cumprimento de objetivos estatutários que são perfeitamente identificáveis na cerimónia de hoje:

- Promoção da exaltação do amor à Pátria bem como a defesa intransigente dos valores morais e históricos de Portugal;
- Promoção do prestígio de Portugal, nomeadamente através de ações com associações congéneres estrangeiras;
- Promoção da proteção e auxílio mútuo e a defesa dos legítimos interesses, espirituais, morais e materiais dos combatentes;
- Contribuição para o desenvolvimento da cultura, do trabalho, do ensino e da solidariedade em proveito geral do país e direto dos nossos associados;
- Cooperação com os órgãos de soberania e da administração pública na prossecução desses objetivos.

No conjunto de elementos que se rege por estes valores, estão os cidadãos que viveram situações muito difíceis ao longo das suas vidas e que tiveram, mais que uma vez, que defender Portugal nas mais diversas circunstâncias.

Umhas vezes, sacrificando-se, de armas na mão.
Outras, arriscando-se, entregando a Portugal a democracia.
Outras ainda denunciando situações e dizendo não.
Sempre, trabalhando e ajudando a construir Portugal dia a dia.

Uma amostra dessa geração está aqui hoje connosco. E por aqui andarás nos próximos vinte, trinta anos. Outros virão evocar a sua memória. É importante que sintam que têm o respeito de quem serviram e a sua compreensão e apoio quando necessário.

O nosso pensamento vai também hoje, aliás como sempre, para os combatentes que, ainda vivos, não podem estar connosco por doença, pobreza, exclusão social ou outras circunstâncias adversas. Tudo fazemos e tudo faremos, com os meios disponíveis, para minimizar os seus problemas. Continuamos por isso empenhados no desenvolvimento dos nossos Programas Estratégicos e Estruturantes Liga Solidária, Cultura Cidadania e Defesa, Conservação das Memórias, Inovação e Modernização e de Apoio Médico Psicológico e Social.

Hoje é dia de reconhecimento e de festa, mas não pode deixar de ser um dia de apelo. Por isso apelamos ao mais alto representante do governo aqui presente para que, para além do alto significado e mensagem de apreço que entendeu dar com a sua presença a esta cerimónia de

combatentes enquadre, na prioridade das resoluções dos problemas sociais e de solidariedade social do governo, os combatentes a quem a vida não sorriu:

- Os pobres, os excluídos socialmente, os sem-abrigo, os toxicodependentes, os alcoólicos;
- Os deficientes, cegos, mutilados ou stressados de guerra;
- Os Idosos e as viúvas.

É este o campo de ação da Liga dos Combatentes e Associações de Combatentes. Não podemos, em dia de festa, esquecer a honra aos mortos, cujos nomes de alguns temos bem vivos na nossa frente, e lutar pela dignidade dos vivos, em especial a recuperação da dignidade dos combatentes mais carenciados. É esse apelo, de aprofundamento do apoio e atenção muito especial, que aqui deixamos hoje.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

ABERTURA DA CONFERÊNCIA “O MEDITERRÂNEO, O NORTE DE ÁFRICA E A AMEAÇA NUCLEAR”, NO IESM

18 de novembro de 2008

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. senhor Almirante Diretor do IESM

Os meus sinceros agradecimentos pelas suas palavras e por se dignar estar connosco na abertura desta conferência e os apoios concedidos.

Pessoalmente, que nesta casa, enquanto IAEM, fui aluno, professor e diretor, é uma honra e um sentimento reconfortante aqui voltar numa atividade que tão bem se coaduna com os objetivos deste Instituto.

Exmo. Senhor Professor Dr. João Carlos Espada, Diretor do IEP/UCP

Ao Senhor Professor Dr. João Carlos Espada o meu agradecimento por como Diretor do IEP/UCP ter apoiado a ideia que lhe coloquei para realizar este evento. Um entre os numerosos importantes e diversificados eventos levados a efeito pelo Instituto e alguns a decorrer nestes dias.

Exmos. senhores Embaixadores
Minhas senhoras e meus senhores

A conferência que hoje levamos a efeito é uma iniciativa do IEP/UCP através do seu FÓRUM INTELLIGENCE e com o acolhimento do Conselho Científico do Instituto. A sua realização, porém, só teve viabilidade com as parcerias feitas com a Liga dos Combatentes e o Instituto de Estudos Superiores Militares. O nosso sincero agradecimento

O FORUM Intelligence do Instituto de Estudos Políticos é um Grupo de Reflexão da cadeira de intelligence que ali ministro e integra antigos alunos do curso de mestrado e doutoramento em estudos políticos, vertente segurança e defesa, do Instituto que tem por orientação superior o Prof. Dr. João Carlos Espada.

Contribuir para a criação de uma cultura nacional das informações, em especial das informações estratégicas, delineando linhas de orientação e contribuindo para a compreensão dos problemas da segurança e defesa na ótica das informações, delineando princípios doutrinários e procedimentos nas áreas estratégicas de interesse e de influência nacionais, é o nosso objetivo fundamental

Após a análise do nosso conceito estratégico de defesa nacional onde se definem esses espaços de interesse para Portugal apontámos para o FORINTEL como uma primeira área a ter em consideração o Mediterrâneo.

Este espaço de antigas e prósperas civilizações é hoje um espaço desequilibrado cujas margens apresentam contradições e antagonismos que os diversos países quer a norte quer a sul se esforçam por resolver e minimizar.

Para que o Mediterrâneo seja uma área de paz ou para ela contribua é fundamental um conhecimento mútuo profundo entre os países que o integram.

Todos recordamos que a Declaração de Barcelona (1995) tem em vista estabelecer nossa parceira global euro-mediterrânica, a fim de tornar o Mediterrâneo um espaço comum de paz, estabilidade e prosperidade, através de um diálogo político e de segurança.

Só esse conhecimento pode permitir decisões futuras de âmbito político que ultrapassem o bilateralismo, não obstante a Declaração de Barcelona (1995) e a parceria euro-mediterrânea ali definida.

Entre os perigos, riscos e ameaças mútuas a estudar escolhemos para esta conferência não a mais provável, mas a mais perigosa: - A Nuclear, Biológica e Química.

Assunto do mais elevado interesse, atualidade, de alto pendor técnico, sensível, de difícil abordagem política, aquele que há mais de meio século, consegue ser simultaneamente o vetor mais decisivo e destrutivo na guerra se empregue, e o mais decisivo na paz, porque a ameaça do seu emprego, a garante.

Por outro lado, é o vetor que melhor parece poder servir e garantir interesses vitais dos povos com menor grau de desenvolvimento e por isso os mais desprotegidos ambicionam poder dele dispor, o que pode conduzir ao perigo da sua proliferação e face à alta tecnologia usada ver dificultado o seu controlo.

Acontece que os acontecimentos recentes vieram confirmar as orientações dadas há cerca de três anos ao FORINTEL logo após a sua constituição.

Em janeiro de 2007, em Argel os países africanos em reunião da União Africana reivindicaram o direito do uso pacífico da energia nuclear a qual foi considerada indispensável para o desenvolvimento do continente. O Diretor da AIEA Mahomed EL Baradei apoiou.

O Chefe de Estado Argelino afirmou então que “a África deve adquirir conhecimentos científicos e dotar-se de infraestruturas que lhe permitam aproveitar a energia nuclear para fins pacíficos”

Por outro lado, não deixava de afirmar: “Estamos conscientes das necessidades de encontrar um equilíbrio dinâmico entre o uso pacífico da energia Nuclear e as necessárias medidas restritivas”

Seguiu-se posição concreta e alargada da França que a levou a estabelecer em 2008 diversos compromissos com países da região nomeadamente Argélia, Líbia e Marrocos.

O Presidente Sarkozy que se empenha numa eventual União mediterrânea, cujo andamento do processo poderá ter sido afetado pela crise financeira entretanto surgida e a quem foi naturalmente dada prioridade, afirmou mesmo que “Partilhar a energia nuclear civil será um dos fundamentos do pacto que o Ocidente deve estabelecer com o mundo muçulmano”.

Estas considerações levaram-nos a considerar de entre todos e variados fatores da situação estratégica de relevância naquele espaço estratégico, o fator Nuclear como o mais atual, importante, interessante e pouco tratado a eleger para tratar nesta conferência aberta constituindo a primeira manifestação externa do FORINTEL

Para lhe dar mais atualidade surge a visita em curso que a Sr.^a Presidente da Argentina está fazendo ao Norte de África, nomeadamente à Argélia, onde o Nuclear parece estar na agenda (apoiou a construção de uma central Nuclear /Draria). Visita também o Egipto, Tunísia e Líbia.

Seria interessante poder no final dos nossos trabalhos ter respondido a algumas questões, nomeadamente:

- O interesse dos países do Norte de África como Marrocos, Líbia, Tunísia e Egipto pela energia Nuclear para fins pacíficos implica riscos no seu eventual desvio para fins militares?
Caso afirmativo como se podem evitar ou minimizar?
Como se enquadram estas iniciativas na Declaração de Barcelona?
- Podem estes países garantir os graus de segurança e controlo que a utilização da energia nuclear, mesmo para fins pacíficos, acarreta?
Caso negativo como conciliar a necessidade de disporem dela e a segurança própria e a dos vizinhos, evitando que se torne uma ameaça?
- As instalações Nucleares constituem-se como alvos militares?
- Aparecendo no Médio Oriente e Norte de África mais de uma dúzia de países a pretenderem construir centrais nucleares e conhecida a histórica apetência para se constituírem com alvos militares qual a relação que se deve estabelecer entre energia nuclear e regiões inseguras, instáveis, pouco desenvolvidas ou com naturais dificuldades de garantirem a sua segurança?
- Como se encontra o equilíbrio dinâmico entre o uso pacífico da energia nuclear e as necessárias medidas restritivas de que falava o Presidente argelino?
- Será uma ameaça a prazo para a Europa a proliferação de centrais nucleares no Norte de África? E aumentarão as hipóteses de proliferação de armas nucleares na área?

Muitas outras questões vão certamente ser colocadas e respondidas.

Não gostaria de terminar esta minha abertura da conferência sem reafirmar que esta ação só foi possível com o empenho da Liga dos Combatentes que integrou esta ação nas comemorações do seu 85.º Aniversário e a adesão imediata do IESM. Assinalo também o contributo dado pela REN.

A todos os que hoje nos quiseram acompanhar, quer moderando (Prof. Dr. João Carlos Espada, Almirante Vieira Matias e Prof. Dr. Adriano Moreira) quer apresentando as suas intervenções (Dr. Carvalho Rodrigues, Dr. Anes, Prof. Dr. Delgado Domingos, Tem Cor Dias Martins, Sheik Munir, Dr. Trindade Rocha e Dr. Galamas) o nosso profundo agradecimento.

Permitam-me que saliente a imediata disponibilidade demonstrada pelo Sr. embaixador de França em Lisboa Dr. Denis Delbourg para participar nesta iniciativa bem como o Dr. Cristian Bataille da Assembleia Nacional de França. O nosso Merci Beaucoup.

Salientamos com profundo regozijo termos connosco o senhor Dr. Hans Blix figura incontornável e ator internacional de reconhecido valor e saber no âmbito dos assuntos Nucleares. Thank you very much.

Uma palavra de muito apreço para a Dr. Ana Rodrigues do IEP, o Prof. Dr. Belém Ribeiro da Liga dos Combatentes, o Major General Rovisco Duarte do IESM e oficiais do IESM pela coordenação administrativa deste evento.

Ao Dr. Galamas do FORINTEL o meu testemunho de apreço pelo trabalho realizado.

Se eu elegi o Dr. Hans Blix como objetivo desejável a atingir, foi a sua ação que o concretizou e o levou a bom termo.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

RECEPÇÃO DO IMÓVEL P24 NO FUNCHAL

12 de dezembro de 2008

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Ministro da República

Muito Ilustre Representante da República para a Região Autónoma da Madeira.

Excelência

A presença de V.^ª Ex.^ª nesta cerimónia, a ela presidindo, é mais um testemunho da compreensão e atenção que lhe merece a Liga dos Combatentes. Ao longo dos anos nas suas funções, vem V. Ex.^ª apoiando o Núcleo do Funchal. É por isso, com muita honra e toda a justiça que torno público ter a Direção Central da Liga dos Combatentes, eleito V. Ex.^ª como sócio Benemérito da nossa Instituição. Os combatentes de Portugal e da Madeira em particular, estão-lhe gratos.

Exmo. Senhor Secretário Regional dos Recursos Humanos

Agradeço a V.^ª Ex.^ª, uma vez mais, ter-se dignado estar connosco em mais um ato, envolvendo os combatentes da Madeira.

A Liga dos Combatentes agradece, na pessoa de V.^ª Ex.^ª, ao Governo da RAM e ao seu Presidente, Dr. Alberto João Jardim, também ele sócio Benemérito, todo o apoio e compreensão para com a nossa Instituição.

Exmos. Senhores Comandante da ZMM

Exmos. Senhores Presidentes de Câmaras Municipais

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Ao voltar à Madeira em mais uma missão de serviço percorrem o meu pensamento as várias situações em que a vida me ligou a esta encantadora terra e às suas acolhedoras gentes.

Quando ainda aspirante a oficial, em Mafra, dei a primeira recruta da minha vida militar a um pelotão de trinta homens que da Madeira para ali se deslocaram, para cumprirem o serviço militar (1957). Já como Capitão tenho a primeira imagem do Funchal quando, às seis da manhã a bordo do paquete Uíge, em transporte de tropas, este aqui acostou a caminho de Angola (1962).

Aqui servi como segundo comandante da Zona Militar da Madeira e posteriormente aqui voltei como Diretor do IAEM em visitas de estudo. Como não podia deixar de ser, já passei férias em Porto Santo (1987).

Aqui vivi algumas situações interessantes e importantes no campo desportivo. Desafiado pelo senhor Presidente do Governo Regional para, como Presidente da Federação de Esgrima aqui reinstalar a prática da esgrima, assim foi feito com total sucesso.

Aqui organizámos o 75.º Congresso da FIE (1988) várias provas nacionais e o Campeonato da Europa de Esgrima que nos daria, pela primeira vez na história da modalidade, o título de campeões europeus de florete, tendo a equipa nacional integrado um atirador da Madeira (1992).

É a terceira vez que aqui venho como Presidente da Liga dos Combatentes (2007-2008).

Não sou por isso, um estrangeiro na Madeira e tenho para mim que a Madeira é daqueles lugares onde ainda é possível o Homem sonhar e a obra nascer.

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Num momento singular para o Núcleo da Liga dos Combatentes na Madeira e da Liga dos Combatentes como um todo, agradeço sensibilizado a presença de V.ªs Ex.ªs nesta cerimónia.

Sentimo-lo como um reconfortante apoio ao objetivo que nos propomos atingir na prossecução dos nossos estatutos.

Honrando a memória daqueles que caíram, dignificar os combatentes vivos. Em espaço condigno, criar melhores condições de convívio e de apoio aos combatentes seniores e mais carenciados, ao mesmo tempo que se criam condições para mais fácil adesão dos combatentes jovens e da população madeirense, a esta verdadeira Instituição Particular de Solidariedade Social. É necessário criar condições para apoiar os combatentes na pobreza e na exclusão social, no stress pós-traumático, na toxicod dependência, no alcoolismo e no sem-abrigo.

O Núcleo no Funchal vive um período de revitalização e rejuvenescimento. Nos últimos anos tem vindo a melhorar as atuais instalações e a aumentar o seu número de sócios. Essa ação de divulgação, esclarecimento e cativação de novos membros pode melhorar ainda bastante mais. Importa mantermo-nos unidos e fortes na nossa determinação e objetivos. Os que um dia serviram as Forças Armadas são os mais responsáveis para que, com o seu exemplo, nos tornemos mais fortes.

Como sabem, pode ser sócio Combatente qualquer cidadão que tenha cumprido uma missão de segurança em defesa do país, na guerra do ultramar ou em qualquer missão de apoio à paz (sócios combatentes), mas podem também ser sócios os que tenham prestado o serviço militar (sócios efetivos), as suas famílias (sócios extraordinários) e todos os cidadãos que se revejam nos objetivos da Liga dos Combatentes (sócios apoiantes).

É grande o universo que pode ser tocado pela nossa história de valores e propósitos humanitários. Não descobrimos hoje a solidariedade.

Como costumo afirmar não somos uma instituição de uma determinada guerra, mas sim um lugar de convergência dos combatentes de todos os conflitos em que Portugal participou, participa ou vier a participar. Temo-nos assim como uma Instituição perene, servida por voluntários, sem vencimento e sem senhas de presença, ao serviço do próximo e do país.

De facto, facilmente se constata que a Liga dos Combatentes é uma instituição abrangente e transversal da sociedade portuguesa, do passado, do presente e do futuro, cujos objetivos em síntese se pautam pela promoção dos valores e da história e de Portugal e pela solidariedade e apoio mútuo em especial para com os mais carenciados.

Decorreram três anos sobre o dia em que Liga dos Combatentes manifestou o desejo, por escrito, ao Ministério da Defesa Nacional para que este imóvel fosse colocado à sua disposição para utilização do Núcleo do Funchal. A burocracia de alguns serviços que por vezes rondou a incúria, roubou o lugar à simplificação administrativa que a leitura do protocolo assinado permite verificar, seria a via normal a adotar.

Por isso, estamos aqui hoje festejando a receção de um imóvel em ruínas quando poderiam os combatentes da Madeira estar aqui hoje a festejar a inauguração de um espaço de apoio social, de convívio e da sede que merecem.

Muita persistência, muita determinação e muito acreditar conviveram com a compreensão da decisão e a demora da sua execução a vários níveis.

Por isso agradecemos a sua Ex.^a o Chefe de Estado-maior do Exército, Secretário de Estado da Defesa Nacional e Assuntos do Mar e a Sua Ex.^a o Ministro da Defesa nacional e a nível local aos Senhores Comandantes da Zona Militar da Madeira as decisões tomadas.

A Liga dos Combatentes definiu no seu Plano de Ação 2005-2008 a Dignificação das Instalações dos Núcleos. Dos 76 Núcleos espalhados pelo país e estrangeiro, grande parte viu já melhoradas as suas instalações.

É com muita satisfação e regozijo que aqui estamos hoje dando relevo ao protocolo assinado pela Liga dos Combatentes e o Exército e materializando publicamente e com o reconfortante testemunho das entidades regionais que nos deram a honra da sua presença, a posse para utilização deste imóvel.

A Liga dos Combatentes è, como disse, uma Instituição de Solidariedade Social que vive estatutariamente das quotas dos sócios, de eventuais doações e apoio do Estado.

A utilização deste imóvel como se constata à vista desarmada só poderá ter lugar com profundas obras que respeitando as características de imóvel com valor patrimonial da Região, permitam a sua utilização pela Liga dos Combatentes.

Temos terreno, temos projeto, que acabámos de referir e aqui está exposto, graças ao apoio de entidades regionais. Mas temos necessidade de apoios para podermos tornar este sonho dos combatentes da Madeira uma realidade. Por isso aqui estamos solicitando a sua Ex.^a Sr. Representante da República o apoio adequado a este projeto de interesse nacional e regional e de carácter humanitário, de solidariedade e histórico-cultural que contará com a sede do Núcleo, Centro de Dia (vertente médica, psicológica e Social) e Núcleo Museológico. Uma verdadeira Casa do Combatente.

A sua Ex.^a o Presidente do Governo da Região Autónoma Madeira, desejo agradecer a imediata compreensão do interesse regional do projeto e o apoio disponibilizado no sentido de o viabilizar.

Ao senhor Presidente da Câmara do Funchal desejo igualmente agradecer os apoios já dados e os imprescindíveis, para que este sonho possa ser uma realidade e um valor acrescentado para a cidade do Funchal, para os combatentes e para a população em geral. O melhoramento do acesso a este local é fundamental e torná-lo-á mais um ponto de interesse da cidade.

Ao Senhor Comandante da Zona Militar da Madeira de quem é imprescindível continuar a receber apoios não só para este projeto concreto, mas na conquista de mais adesões a membros da Liga não esquecendo os militares que hoje servem Portugal nas Operações de Paz e Humanitárias.

Neste aspeto deixamos também um apelo aos senhores comandantes da Forças de segurança na Madeira para que incentivem os seus elementos a tornarem-se membros da nossa patriótica e

humanitária Instituição. À população em geral apelo para que se façam sócios apoiantes. Esses apoios dos órgãos regionais e das forças vivas e empresariais aos combatentes da Madeira serão a demonstração inequívoca de que os que um dia tiveram que se sacrificar, com risco de vida, de armas na mão, defendendo o seu próximo e os interesses vitais de Portugal, merecem o seu respeito, o seu apoio, enfim o reconhecimento dos serviços prestados à Madeira e ao país. Trata-se afinal de dar vida e beneficiar um imóvel que o Governo da Madeira já há anos decidiu considerar como de interesse regional. Elaboremos um plano. Definamos um tempo. Definamos as fases do projeto. Cumpramos o objetivo.

Mas, reforçamos o apelo igualmente à sociedade civil madeirense, ao seu tecido empresarial bem como aos membros da Liga dos Combatentes na Madeira para contribuírem para que este local se torne num local útil aos combatentes e aos cidadãos em geral, aprazível e onde os madeirenses gostem de conviver e apreciar uma das mais belas vistas da sua cidade.

Estamos na época de Natal. Faço votos para que este lugar, seja mais uma rochinha nesta florida e majestosa lapinha que é a cidade do Funchal.

Nesta época de Natal em que nos encontramos que seja uma verdadeira prenda de Natal, que no ano de 2008 os Combatentes da Madeira recebem, qual lapinha em escada de três degraus em papel de fantasia e flores ou na mais moderna versão, a rochinha em papel pardo pintado de castanho envolvendo esta maravilhosa imagem da Madeira que aqui se coloca no cimo deste deslumbrante monte.

Boas Festas e um Feliz Natal.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

MENSAGEM DE NATAL

23 de dezembro de 2008

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Boas Festas?!...

Duas Palavras. Um Voto amigo e familiar de Esperança

Mas torna-se necessário alguma coragem para hoje desejar Boas Festas a alguém!

Ronda o cinismo fazer esses votos de forma generalizada.

As más notícias nacionais e internacionais estão em alta e entram com preocupação no dia-a-dia do cidadão comum e logicamente do cidadão combatente.

Os otimistas necessitam coragem e os pessimistas arriscam a depressão.

Se é difícil governar mais difícil se torna ser governado.

Grande parte do mundo rejubilou com a queda do comunismo perante o capitalismo. Este, porém, parece ter adoecido gravemente no hospital da globalização com a penicilina deteriorada do mercado.

A pandemia da gripe financeira e económica foi bem mais grave e real do que a da gripe das aves... Com uma agravante, é que embora o Homem, tenha rapidamente identificado os vírus mortais, a cura prevê-se que vá demorar anos.

Todos o afirmam, A situação é séria e grave. Temos que continuar a acreditar que é na democracia e no sistema, ainda que regenerados, e no diálogo construtivo alargado que devem ser encontradas soluções.

Combatentes, como já tenho afirmado, alguém parece chamar novamente por nós! A Pátria que nos levou a pegar em armas, leva-nos agora a pegarmos nas nossas Forças Morais para ajudar a minimizar o clima de tensão que parece emergir da sociedade, nos mais variados sectores, e contribuirmos, com o nosso esforço e saber, para a resolução dos problemas do país e dos combatentes. Pertencemos ao conjunto daqueles portugueses que não necessitam de ser incentivados para meter a palavra Pátria no discurso.

Em períodos de crise ou guerra é importante o refúgio nos Valores que sustentem a Alma e estimulem a Ação.

Nós sabemos que assim é.

Outros parecem não querer aproveitar oportunidades que se lhes deparam nesse campo, para fortalecerem a sua ação, estimularem os que neles se deviam rever e acreditar e, em conjunto, refletirem sobre o futuro a construir.

Combatentes e Membros da Liga dos Combatentes

Boas Festas possíveis!

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general